

Não tenha medo do robô que o quer substituir; tenha medo do chefe que pensa como um

written by Hélder Almeida da Silva | 24 de Janeiro, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Hélder Almeida da Silva



Já pararam para pensar por que tratamos a Inteligência Artificial como um Oráculo de Delfos moderno, sempre pronto a responder a perguntas profundas, mas raramente convidado para sujar as mãos? É como ter um mordomo que descreve com detalhe o chá perfeito, mas nunca chega a ferver a água. Nesta era em que vivemos, com a IA a invadir tudo, desde os nossos carros aos frigoríficos que já quase nos dão sermões sobre a validade do iogurte, por que insistimos em limitá-la a conversas educadas quando ela pode, e deve, executar tarefas como uma profissional de elite?

A Inteligência Artificial não é apenas um papagaio digital que repete factos ou gera ideias bonitas para as redes sociais.

Ela é, acima de tudo, uma ferramenta de acção, capaz de transformar comandos em resultados concretos. Imaginem o cenário clássico: estão atolados em e-mails, relatórios e aquela reunião de duas horas que parece uma maratona sem meta e com pouco oxigénio. Perguntam à IA “como otimizar o meu tempo?” e ela responde com uma lista impecável de dez dicas de produtividade. Giro, mas ineficaz. Onde está o ganho real?

O verdadeiro salto acontece quando paramos de pedir conselhos e passamos a delegar a execução. *“Analisa estes 50 e-mails, prioriza-os por urgência real, agenda as respostas automáticas para o que é burocrático e prepara-me um resumo do que realmente exige a minha decisão.”* Bum! De repente, não ganharam apenas informação; ganharam tempo. Tempo para, sei lá, tomar um café sem olhar para o relógio ou para pensar na estratégia da empresa. É a diferença abismal entre um conselheiro sábio e um assistente que realmente faz o trabalho.

Na minha área, a automação e a robótica, este contraste é gritante. Temos vindo a verificar um boom dos robôs colaborativos equipados com IA generativa. Estes novos “colegas” de metal não se limitam a “perguntar” se a peça está no sítio certo. Colocam-na lá, ajustam o processo em tempo real se sentirem uma vibração estranha e preveem falhas antes de elas virarem um caos na linha de produção.

Empresas gigantes têm mostrado que esta integração reduz erros humanos em cerca de 40%. Mas o humor está no ridículo da nossa resistência: enquanto alguns ainda usam a IA apenas para “perguntar” receitas de optimização, os líderes inteligentes mandam-na executar simulações inteiras, poupando milhões em protótipos que nunca chegam a sair do papel. É como pedir a um chef para descrever um bolo e ficar com fome, ou então simplesmente deixá-lo cozinhar e deliciar-se com o resultado.

E o que dizer da liderança? Um bom líder não é o que faz perguntas intermináveis para parecer ocupado, é o que sabe

delegar com eficácia. Surpresa das surpresas: a IA é o delegado perfeito para o que é repetitivo e chato. Se estão a gerir uma equipa com prazos a apertar, em vez de perderem uma tarde a perguntar *“qual é o melhor software para monitorização?”*, mandem a IA integrar-se no sistema, detectar gargalos e enviar alertas automáticos de desvio.

Claro que há um twist cómico nisto tudo. Muitos gestores resistem porque acham que *“executar”* tira o controlo ao humano. Como se delegar a um algoritmo fosse mais arriscado do que delegar a um estagiário sonâmbulo que se esquece de pôr açúcar no café e de anexar o ficheiro importante. Na verdade, é o oposto. Delegar a execução técnica à IA liberta-nos para o que só os humanos sabem fazer: criar, empatizar e decidir o *“porquê”* por trás do *“como”*.

Obviamente, há riscos. Executar sem supervisão pode levar a desastres hilariantes, como aquela IA que, no ano passado, *“executou”* uma campanha de marketing e gerou memes ofensivos por puro excesso de zelo algorítmico. Mas é aí que entra a maturidade, devemos usar a IA como uma ferramenta de alta precisão, não como uma varinha mágica que nos desobriga de pensar. Na indústria moderna, a IA que executa manutenção preditiva não se limita a avisar que a máquina vai avariar. Ela agenda a reparação, encomenda a peça ao fornecedor e actualiza o stock. Isso não é preguiça, é inteligência aplicada.

No fundo, limitar a Inteligência Artificial a perguntas é como comprar um Ferrari para passear a 20 km/h. É um desperdício de potencial quase ofensivo. Com os modelos multimodais que já controlam robôs remotamente e escrevem código em tempo real, estamos numa encruzilhada. Ou continuamos a ser o *“entrevistador”* da máquina e ficamos para trás, ou passamos a ser o *“maestro”* da execução e aceleramos o progresso.

Por isso, caro leitor, o desafio desta semana é simples, da próxima vez que abrir um chat com a IA, não lhe peça uma

opinião. Dê-lhe uma tarefa. Pode descobrir que o seu verdadeiro superpoder não está na resposta que recebe, mas na liberdade que ganha quando deixa de ser o “bombeiro-mor” de tarefas burocráticas para passar a ser quem realmente decide o rumo da próxima volta. **Afinal, num mundo que corre a velocidades digitais, quem executa primeiro, ri por último**